CARLOS GNOCCHI

PEDAGOGIA DA DOR INOCENTE

Carlos Gnocchi

PEDAGOGIA DA DOR INOCENTE

Advertência:

Trata-se de tradução livre do italiano para estudo e divulgação

Créditos do texto:

CARLO GNOCCHI. **Pedagogia del Dolore Innocente**. PLV. Davério: Itália, 1987.

Índice

Breve Biografia **4**

Discurso do Papa Francisco aos Membros da Fundação Dom Carlo Gnocchi **7**

Apresentação **11**

Pedagogia da Dor Inocente **13**

Breve biografia

"Eu creio que, quando se chega a compreender o significado da dor das crianças, tem-se nas mãos a chave para compreender toda dor humana — e quem consegue sublimar o sofrimento dos inocentes é capaz de consolar a dor de todo homem ferido e humilhado pela dor"

Beato Carlo Gnocchi (1902–1956) foi um sacerdote católico italiano, educador e capelão militar, conhecido por sua profunda caridade e dedicação às vítimas da guerra, especialmente crianças. Nasceu em San Colombano al Lambro, Itália, em 25 de outubro de 1902. Tornou-se sacerdote em 1925, e trabalhou inicialmente como professor e educador, ganhando reputação por sua sensibilidade com os jovens.

Durante a Segunda Guerra Mundial, serviu como capelão dos Alpinos italianos na frente russa. Viu de perto os horrores da guerra e perdeu muitos soldados que lhe haviam sido confiados. Essa experiência marcou profundamente sua vida. Após a guerra, dedicou-se a cuidar de crianças mutiladas por bombas e minas, e também de filhos de soldados mortos. Fundou a Fondazione Pro Juventute, hoje chamada Fondazione Don Gnocchi, que se tornou um importante centro de reabilitação e assistência a pessoas com deficiência.

Faleceu em 28 de fevereiro de 1956, em Milão, com fama de santidade. Foi beatificado pelo Papa Bento XVI em 25 de outubro de 2009, sendo lembrado como exemplo de sacerdote entregue à caridade e ao sofrimento humano.

A obra Pedagogia da Dor Inocente foi escrita e publicada em 1955, um ano antes da sua morte. É considerada seu testamento espiritual e pedagógico. Trata=se de uma profunda reflexão teológica, pedagógica e existencial sobre o sofrimento das crianças inocentes, especialmente as que foram mutiladas ou traumatizadas pela guerra.

Gnocchi, ao trabalhar com órfãos e crianças feridas após a Segunda Guerra Mundial, se deparou com a dor injusta de quem sofre sem culpa — daí o título: *"dor inocente"*. Ele propõe uma "pedagogia", ou seja, uma forma de educar e encontrar sentido no sofrimento, mesmo quando ele parece absurdo.

Ele afirma que o sofrimento inocente não é inútil: quando vivido em união com Cristo, tem um poder redentor e transformador. As crianças sofridas tornam-se como "pequenos crucificados" — ícones vivos da Paixão de Cristo.

A obra teve grande impacto na Itália e se tornou um clássico do pensamento cristão moderno. Influenciou a reflexão católica sobre dor, inocência e sentido do sofrimento, especialmente na pastoral com crianças e vítimas de guerra. É considerada por

muitos como uma síntese da espiritualidade e da missão de Carlo Gnocchi.

O texto a seguir trata-se de tradução da publicação em italiano editada em 1987 pela PLV em Daverio.

Discurso do Papa Francisco
aos Membros da Fundação Dom Carlo Gnocchi

Prezados irmãos e irmãs!

Dou-vos as boas-vindas e agradeço ao vosso Presidente e ao vosso amigo as palavras de saudação e de apresentação desta bonita realidade assistencial e social, que é a Fundação Dom Carlo Gnocchi, que nasceu da mente e do coração deste ilustre sacerdote ambrosiano. Na homilia de Beatificação, que teve lugar em Milão há dez anos, o Cardeal Tettamanzi indicou-o à Igreja como «inquieto investigador de Deus e corajoso investigador do homem, que passou a vida à procura da Face de Cristo, impressa no rosto de cada homem». Que bonito!

Com efeito, o Beato Carlo Gnocchi, apóstolo da caridade, serviu a Cristo heroicamente nas crianças, nos jovens, nos pobres e em quantos sofrem, desde o início do seu ministério sacerdotal, como educador apaixonado. Depois, como capelão militar, conheceu a crueldade da segunda guerra mundial, primeiro na frente greco-albanesa, e em seguida com os Alpinos do Batalhão "Tridentino", na dramática campanha da Rússia. Durante a desastrosa retirada daquela frente, dedicou-se com caridade incansável aos feridos e moribundos, amadurecendo o projeto de uma obra a favor dos órfãos e das crianças mutiladas pela explosão de bombas. Quando voltou para a Itália, realizou este projeto maravilhoso; o seu foi um empreendimento não apenas social, mas

impelido pela caridade de Cristo. Uma obra, fruto da caridade de Cristo.

À distância de muitos anos, vós levais em frente o seu legado e, como um talento precioso, multiplicai-lo com o mesmo zelo apostólico e a mesma fidelidade ao Evangelho. Por isso, agradeço a cada um de vós: diretores e responsáveis pelos Centros, médicos e agentes, voluntários e amigos. E vós estais aqui hoje, juntamente com os pacientes, os hóspedes e as suas famílias, para confirmar o vosso compromisso de proximidade aos sofrimentos das pessoas mais frágeis, segundo o estilo do Bom Samaritano e seguindo o exemplo do vosso Beato Fundador. Não vos canseis de servir os últimos na difícil fronteira da enfermidade e da deficiência: além das terapias e técnicas mais avançadas para o corpo, oferecei aos que, confiantes, se dirigem às vossas estruturas, os remédios da alma, isto é, a consolação e a ternura de Deus.

Inspirando-vos no esmero, na delicadeza e na sensibilidade sacerdotal do Beato Carlo Gnocchi, sois chamados a conjugar na vida concreta de todos os dias o serviço social e à saúde, com a ação evangelizadora. Para vós, isto significa lutar com coragem contra as causas do sofrimento e cuidar amorosamente da angústia dos que sofrem ou estão em dificuldade. Os tempos mudaram em relação às origens, mas é necessário continuar com o mesmo espírito, com a atitude e o estilo que Carlo Gnocchi descrevia assim: «Cristãos ativos, otimistas, serenos, concretos e profundamente humanos, que olham para o mundo não já como um inimigo a ser vencido ou evitado, mas como um filho

pródigo a ser conquistado e redimido com amor» (*Educação do coração*).

O sentido e o valor da profissão médica e de todo o serviço prestado ao irmão doente manifestam-se plenamente na capacidade de conjugar *competência e compaixão.* A competência é fruto da vossa preparação, experiência e atualização; e tudo isto é sustentado por uma forte motivação de serviço ao próximo sofredor, motivação que no cristão é animada pela caridade de Cristo. A competência é a qualidade que torna credível o testemunho dos fiéis leigos nos vários ambientes da sociedade; a competência é para vós também uma garantia, quando ides contra a corrente em relação à cultura dominante: no vosso caso, quando dedicais tempo e recursos à vida frágil, mesmo que para alguém possa parecer inútil ou até indigna de ser vivida.

Competência e *compaixão.* O sofrimento dos irmãos pede para ser compartilhado, exige atitudes e iniciativas de *compaixão.* Trata-se de "sofrer com", compadecer como Jesus que, por amor ao homem, se fez Ele mesmo homem para poder participar plenamente, de modo muito real, na carne e no sangue, como nos mostra a sua Paixão. Uma sociedade incapaz de acolher, proteger e dar esperança aos que sofrem é uma sociedade que perdeu a sua piedade, que extraviou o seu sentido de humanidade. A vasta rede de centros e serviços que vós estabelecestes na Itália e noutros países é um bom modelo porque procura unir assistência, hospitalidade e caridade evangélica. Num contexto social que favorece a eficácia em detrimento da solidariedade, as vossas estruturas são ao contrário lares de esperança, cuja finalidade é

a proteção, a valorização e o verdadeiro bem dos doentes, dos portadores de deficiência e dos idosos.

Caros amigos, renovo o meu apreço pelo serviço que prestais em benefício dos que se encontram em dificuldade. Encorajo-vos a continuar o vosso caminho no compromisso de promoção humana, que constitui também uma contribuição indispensável para a missão evangelizadora da Igreja. Com efeito, o anúncio do Evangelho é mais credível graças ao amor concreto com que os discípulos de Jesus dão testemunho da sua fé nele.

Que o testemunho humano e cristão do Beato Carlo Gnocchi, caraterizado pelo amor às pessoas mais frágeis, oriente sempre as vossas escolhas e as vossas atividades. Que o Senhor vos conceda ser em toda a parte mensageiros da sua misericórdia e consolação, mensageiros da sua ternura. Acompanho-vos com a minha oração e, de coração, concedo-vos a minha Bênção, que de bom grado envio àqueles que se encontram hospedados nos vossos centros. E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

Obrigado!

Sala Paulo Vi

Quinta-Feira, 31 de Outubro de 2019.

Apresentação

Dom Carlo Gnocchi, nascido em 1902 em S. Colombano e falecido em Milão em 28 de fevereiro de 1956, exerceu seu ministério primeiramente em uma paróquia populosa, depois em um grande instituto de educação cristã. Fruto desse primeiro período, caracterizado pelas experiências com os jovens, foi o volume *"A educação do coração"*, traduzido também em várias línguas estrangeiras.

Com o início da guerra, Dom Gnocchi foi mobilizado como capelão dos Alpinos e enviado à frente grega, albanesa, em Montenegro e, por fim, na Croácia com a Divisão Julia, e depois à frente russa com a Divisão Tridentina. Foi durante a épica retirada da Rússia que ele conquistou a medalha de prata no campo. Fruto desse contato com nossos soldados foi o volume *Cristo com os Alpinos*.

Terminada a guerra, Dom Gnocchi permaneceu, por coerência interior, espiritualmente mobilizado para a assistência às vítimas mais inocentes da própria guerra: as crianças mutiladas, pelas quais fundou uma vasta rede nacional de colégios e uma entidade qualificada para o acolhimento e reabilitação de crianças inválidas e marginalizadas, única do seu gênero na Europa. Durante as pausas desse imenso trabalho, publicou o volume *A restauração*

da pessoa humana, traduzido recentemente para o espanhol.

Foi justamente pela dedicação à causa das crianças com deficiência que Dom Gnocchi encontrou inspiração para este estudo sobre a *Pedagogia da dor inocente*: o volume, publicado nesta primeira edição poucos meses após a morte do Autor, constitui o testamento espiritual do inesquecível Apóstolo dos mutiladinhos.

Pedagogia da Dor Inocente

Muitos e profundos são os problemas que a dor coloca à mente humana, mesmo quando iluminada e guiada pela Fé; mas um deles, certamente entre os mais delicados e perturbadores, é constituído pela aparente arbitrariedade na sua distribuição entre os homens.

Se a dor, de fato — como é fácil e quase natural admitir —, é pena e expiação da culpa, deveria pesar mais sobre aqueles, entre os homens, que mais gravemente pecaram.

Ao contrário, constata-se muito frequentemente o oposto e, desde os tempos do salmista — que tantas vezes se lamenta com acentos de dramática força — os pecadores triunfam e os justos sofrem, muitas vezes por causa da sua própria justiça.

Típico e mais perturbador de todos é o caso das crianças que sofrem. Quantas vezes, de fato, diante da dor de uma criança moribunda ou sofredora, escuta-se expressões como estas: "Meu Deus, por que fazes este inocente sofrer? Por que não me atinges a mim, que sou um pecador?" E quantas outras vezes ouvi dos lábios das crianças, no momento de uma operação dolorosa, a expressão recorrente e idêntica em todas, porque ditada pela cons-

ciência: “Por que me fazem sofrer? Eu não fiz nada de mal!”

Vale a pena estudar este caso-limite, porque eu creio que, quando se chega a compreender o significado da dor das crianças, tem-se nas mãos a chave para compreender toda dor humana — e quem consegue sublimar o sofrimento dos inocentes é capaz de consolar a dor de todo homem ferido e humilhado pela dor.

Os agentes que operam na dor de uma criança são, de fato, fundamentalmente os mesmos que provocam o sofrimento de um adulto, e as forças capazes de confortá-la e elevá-la são iguais nos dois casos.

As maiores dificuldades em relação à dor e à sua atribuição, tão aparentemente estranha, nascem de uma concepção exclusivamente individualista e punitiva da própria dor; pois se acredita que no homem o sofrimento seja uma questão totalmente pessoal, uma expiação rigorosamente proporcional às culpas individuais. Nada mais falso, porém, na concepção cristã da realidade.

Na economia cristã, a humanidade forma uma unidade viva, solidamente unida em um só e idêntico destino, participante do bem e do mal de cada um de seus membros; um corpo místico que segue as mesmas leis do corpo físico, onde a saúde e a doença, o bem-estar e o mal-estar, a vida e a morte são comuns a todos os membros.

Essa arcana solidariedade atua em sentido vertical e em sentido horizontal: liga todos os membros à cabeça e todos os membros entre si; em outras palavras, liga todos os homens com Adão, compartilhando seu destino, e liga cada homem a todos os outros homens, colocando em comum a parcela de bem ou de mal da qual cada um é responsável.

Paremos na solidariedade vertical.

Adão se voltou contra Deus e todos os homens se rebelaram "na raiz" com ele. Adão foi punido com o peso do trabalho e da dor, e todos os homens devem igualmente carregar a cruz do cansaço e do sofrimento com ele.

Eis aqui a primeira fonte e a razão fundamental do sofrimento de uma criança. Ela sofre enquanto ser humano, portanto participa da humanidade, responsável em sua raiz pela culpa original e, por isso, envolvida em sua secular expiação.

Quando uma criança sofre, é antes de tudo a "comunhão" com Adão que se realiza nela, aplicação negativa da misteriosa lei que liga todos os homens e os torna partícipes do mesmo destino.

Dura e ao mesmo tempo misteriosamente justa é a lei que um anônimo definiu assim, escrevendo sobre o túmulo de um menino sepultado no cemitério de Staglieno, em Gênova: "*Viveu, cho-*

rou e morreu. Breve compêndio da vida mais longa."

Se a primeira fonte e justificativa da dor de um inocente se encontra na sua irrevogável solidariedade com Adão, a segunda nasce da sua solidariedade — igualmente obrigatória — com todos os seus semelhantes.

Como partícula de um grande corpo social, onde todo o bem e todo o mal "entram em circulação", também a criança expia sua própria parte dos erros e das culpas pessoais cometidas por todos os homens. (Razão que deveria servir de freio toda vez que o homem é tentado a pecar).

Com quanta evidência dramática essa verdade se impunha ao meu espírito durante a guerra, diante do corpo dilacerado e ensanguentado dos meus alpinos!

Quantas vezes me perguntei de que modo e em que medida esses pobrezinhos estavam envolvidos nas ferozes disputas que haviam dividido o mundo e levado os homens a se enfrentarem ferozmente uns contra os outros.

Pobres montanheses, criados em cabanas à base de pão duro e terços, arrancados de suas montanhas e de seus pastos, enfileirados, conduzidos frente a outros homens, simples e ignorantes como eles, com a ordem de matar para não serem mortos. O que sabiam eles da guerra e de suas razões?

Esses "*humildes que trabalham e não sabem*", em nome dos quais o Papa Pio XI havia implorado aos Governantes que refletissem, antes de recorrer à irracional razão das armas?

E, no entanto, também eles pagavam — e talvez mais que os outros — em comparação com aqueles que "sabiam", ou achavam que sabiam, as causas de tudo o que estava tragicamente acontecendo.

Tudo está interligado, tudo é coral na vida, "*todo o mar se agita por uma pedra lançada nele*" (Pascal) e, no corpo social, se existe uma circulação "arterial" da verdade e do bem — da qual todos os homens, inconscientemente e muitas vezes imerecidamente, se beneficiam — existe também uma circulação "venosa" do erro e do mal, da qual ninguém, por mais inocente que seja, pode pretender escapar.

Sim, porque a maior parte dos homens está facilmente disposta a acreditar na comunhão do bem, aceita de bom grado a solidariedade "positiva" com toda a humanidade, quando se trata de partilhar as conquistas e as vantagens da ciência, do progresso, da civilização, da fraternidade, e quando até mesmo uma criança desfruta de todos esses valores, fruto de inumeráveis sacrifícios alheios, não se pergunta em virtude de que direito ela deveria se beneficiar; mas, ao contrário, se rebela contra a solidariedade "negativa" que envolve todos os homens nos fenômenos sociais de

crise, de decadência, de desventura e de maldade coletiva e, quando um inocente é chamado a participar, se escandaliza e grita por injustiça.

Como se até mesmo a criança não fizesse parte da humanidade e se pudesse criar para ela uma história e um destino à parte, diferente daquele do seu tempo e da humanidade à qual ela pertence e que ela também compõe.

Até aqui, porém, consideramos a dor apenas como punição e expiação da culpa, tanto a original quanto as pessoais, e tal foi seu caráter até Cristo.

Faz parte, no entanto, da obra renovadora e restauradora dos valores humanos realizada pelo Redentor o fato de ter conferido à dor o caráter positivo de purificação e de redenção do pecado. De modo que, por meio da dor, o homem redimido não só pode apagar sua condenação, mas pode também conquistar e merecer o prêmio de uma vida plena e indestrutível.

É esta a nova luz fulgidíssima que o cristianismo conferiu à dor, e é nesta luz que ela se coloca e adquire valor inestimável, sobretudo o sofrimento da criança.

A ela também são chamados os pequeninos, mas não apenas em virtude da obscura lei de Adão e da ancestral solidariedade contraída com ele rumo às turvas vias da carne e do sangue, mas

em virtude da mística lei de Cristo e da lúcida solidariedade com seu sacrifício inocente, contraída nas águas batismais.

E eis como.

Na economia da redenção cristã, a dor do homem é complemento voluntariamente necessário da dor e da morte redentora de Cristo: "*Completo no meu corpo aquilo que falta à Paixão de Cristo*" (São Paulo – *Col.* 1, 24), e para que a redenção de Cristo seja total, todo cristão deve aportar a ela a contribuição do próprio sofrimento pessoal.

Nem todos, porém, os sofrimentos humanos têm o mesmo grau de afinidade com os de Cristo, nesta necessária e arcana "confluência" do sangue do homem no rio redentor do sangue de Cristo que, descendo do Calvário, se difunde no mundo ao longo da história.

Diria — se me é permitida a crueza da comparação com a transfusão física de sangue — que nem todo sangue humano pertence ao mesmo "grupo" daquele de Cristo.

Existe, a esse respeito, uma vasta hierarquia do sangue e das lágrimas ("o sangue da alma", como chamou Santo Agostinho), na medida em que há o sofrimento do pecador, que deve ser, ao menos em parte e antes de tudo, [a dor] é oferecida para a

redenção das culpas pessoais, e há o sofrimento do justo que, ao contrário, vai diretamente redimir e expiar as culpas sociais.

Protótipo desse sofrimento é Cristo, Filho de Deus, inocente e puríssimo, que morre pela redenção dos homens: "*Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo*"; e de valor análogo é o sofrimento das crianças, dos pequeninos e dos Santos, que sofrem também pela purificação e pela salvação de seus irmãos — e isso, não em relação e em proporção às próprias culpas pessoais (que muitas vezes nem existem, como no caso dos pequeninos), nem apenas em proporção à sua corresponsabilidade social, segundo a lei de Adão — mas em relação e proporção à capacidade e à pureza de seu sacrifício, para os fins da redenção humana, segundo a sublime lei de Cristo.

Para a remissão total dos pecados do mundo — segundo São Tomás — era necessária na vítima uma pureza que somente Deus podia possuir, e por isso o Pai enviou à terra o próprio Filho para morrer na cruz: mas, para a completude de tal sacrifício e para sua aplicação imediata às culpas de cada dia, a mais alta contribuição é certamente aquela oferecida pelas almas que sofrem sem o peso das próprias culpas pessoais.

Assim como no corpo físico há órgãos destinados à salvaguarda e à purificação de todo o organismo — órgãos que muitas vezes adoecem pela defesa e salvação de todo o corpo (as amíg-

dalas, os rins etc.) —, assim também há, no corpo místico da Igreja, almas destinadas a carregar o sofrimento em virtude da sua capacidade purificadora de todo o corpo social.

E entre essas, certamente estão as crianças, chamadas tanto mais precocemente ao sofrimento quanto mais do mundo é a sua alma das culpas pessoais, e portanto, seu sacrifício é ainda mais semelhante ao daquele do Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo.

Vale também para os pequeninos a bela lenda que São Francisco de Sales aplica a Cristo Redentor, segundo a qual existe um passarinho capaz de curar o homem da icterícia.

Quando um doente com esse mal se deita sob uma árvore, dominado por sua dor, o pequeno pássaro começa a observá-lo intensamente e sente tanta compaixão por ele que suas penas começam a tomar a cor triste daquela doença, enquanto, pouco a pouco, a pele do homem doente vai se tornando branca novamente; e quando finalmente o pequeno pássaro se torna todo amarelo e o homem recupera a brancura da saúde, então o passarinho entoa um canto de triste despedida e vai morrer ao longe, para não ser visto por ninguém.

Essas verdades e doutrinas seriam porventura demasiado árduas e, portanto, reservadas a pouquíssimos iniciados? Não. É preciso convencer-se de que nada é mais real e mais prático do

que essas leis místicas do sofrimento.

Quantas vezes, ao lado de um adulto sofredor, dissemos uma frase na qual tanto o nosso quanto o seu tormento encontraram razão suficiente de pacificação: "*Tenha paciência, sofra pelos seus pecados*". E por que, então, essa mesma frase nos morreu nos lábios, até pareceu vã e até ofensiva diante do berço de uma criança sofredora? Que outras razões, então, poderiam valer para apaziguar sua dor — e a nossa?

Não são outras senão aquelas derivadas da concepção cristã da dor, conhecidas até mesmo pelo ladrão crucificado com Jesus no Calvário, que exortava o companheiro de suplício a não insultar nem zombar de Cristo, pois "*o que acontece conosco — dizia — é justiça e somos tratados conforme as nossas obras; mas Ele, ao contrário, não fez nada de errado*" (*Lucas*, XXIII). Nasce de tudo isso, antes de tudo, a eminente dignidade da criança sofredora.

Se a dor, segundo o Evangelho, revela a presença de Cristo no homem, em ninguém essa transparência se faz mais clara, evidente e imediata do que na criança. E por isso Jesus disse: "*Tudo aquilo que fizerdes a um destes pequeninos, a mim o fizestes*" (Mateus, 10, 42).

Portanto, a nossa atitude interna e externa diante de uma criança que sofre por invalidez, por deficiência, por mutilação, por

pobreza, por doença, por ignorância, por abandono ou por qualquer outra causa, deve ser dominada antes de tudo por um profundo sentimento de respeito, de veneração; eu diria quase, de culto.

Em cada criança sofredora, devemos ver, não apenas o ser humano precocemente chamado a participar da solidariedade humana na dor, segundo a funesta lei de Adão, mas um pequeno cordeiro que purifica e redime, segundo a amorosa lei de Cristo, um "*sacrifício vivo da humanidade inocente pela humanidade pecadora*"[1].

Mais ainda. Devemos ver não apenas um pequeno redentor humano com Cristo e em Cristo, mas um intercessor e um mediador da graça, em virtude do irresistível poder de expiação e de súplica que a dor inocente exerce sobre o Coração de Deus.

Não por acaso, de fato, algumas religiões antigas — por mais absurdo que pareça — por uma profunda intuição desta lei arcana, recorriam ao sacrifício de virgens e de crianças para aplacar a divindade nos momentos supremos ou para implorar graças difíceis.

Toda criança que sofre é, portanto, como uma pequena relíquia preciosa da redenção cristã, que se realiza e se renova no tempo, em expiação pelos pecados de todos os dias, digna de ser

1 Discurso de Pío XII aos pequenos mutilados, 27 de agosto de 1953.

honrada e quase venerada, como fazia São Leonida mártir[2], inclinando-se todas as manhãs para beijar o coração de seu pequeno filho, para ali reconhecer e adorar a Trindade presente e operante.

Nem tais sentimentos, inspirados pelas razões da fé, podem ou devem abolir a dor e a angústia sombria que, diante do sofrimento de uma criança, aperta o coração de todo homem e dilacera a carne e o espírito, sobretudo daqueles que a geraram.

O cristianismo não se opõe nem suprime a natureza, e o próprio Cristo não resistiu às lágrimas pela morte do amigo Lázaro e pela iminente ruína da cidade de Jerusalém.

Esse sentimento de estima e de veneração, contudo, não basta e não serve se não se transforma em um sentido de responsabilidade atuante.

Dissemos que a dor das crianças não possui por si mesma um valor de graça, mas o adquire por sua íntima inserção naquela de Cristo.

Essa inserção é automática — em virtude da graça batismal — enquanto a criança é inconsciente, ou seja, nos anos fabulosos da infância e da pureza, durante os quais o Espírito Santo

2 São Leonida de Alexandria foi martirizado durante a perseguição do imperador Septímio Severo, por volta de 202 d.C., por causa de sua fé cristã. Deixou o filho Orígenes órfão aos 17 anos, e este acabou se tornando um dos maiores mestres cristãos da antiguidade.

atua como intermediário direto entre seu espírito e a Trindade; mas deve tornar-se cada vez mais consciente e refletida à medida que aumentam, dentro dele, a razão e a responsabilidade pessoal.

E como essa "tomada de consciência" entra entre as tarefas da educação cristã, podemos então falar de uma pedagogia sobrenatural da dor.

Poucos são os educadores que a conhecem devidamente e aplicam seus princípios, causando assim um grave e irreparável dano para a vida sobrenatural das almas e para a riqueza mística da Igreja.

Tive disso uma visão quase física, um dia no pós-guerra, inesquecível e sempre orientadora.

Após a explosão da bomba, Marco, o único sobrevivente dos quatro meninos que, ignorantes e despreocupados, brincavam sobre um campo minado, foi imediatamente submetido à intervenção cirúrgica: amputação das pernas, extração do globo ocular e regularização das vastas e numerosas feridas que crivavam o frágil corpo palpitante.

Eu o vi algum tempo depois da operação, quando os tratamentos diários ainda o faziam sofrer muito, e perguntei-lhe:

— "Quando te arrancam as ataduras, mexem nas feridas e te fazem chorar, em quem pensas?"

— “Em ninguém,” — respondeu-me com um leve tom de surpresa na voz.

— “Mas você não acredita que exista alguém a quem você poderia oferecer sua dor, por amor de quem você deveria conter os lamentos e engolir as lágrimas, e que poderia te ajudar a sentir menos dor?”

Marco fixou o vazio com o rosto devastado, olhando com o único olho atordoado e, depois, balançando lentamente a cabeça, disse:

— “Não entendo…” — e voltou a brincar distraído com a borda do lençol.

Foi naquele momento que tive a precisa, quase material, sensação de uma imensa irreparável desgraça: a perda de um tesouro, mais precioso que uma pintura de autor ou um diamante de valor inestimável.

Era a grande dor inocente de uma criança que caía no vazio, inútil e insignificante, naturalmente perdida para ele e para a humanidade, porque não dirigida à única meta na qual a dor de um inocente pode adquirir valor e encontrar justificação: Cristo crucificado; e, através de todos aqueles leitos de hospital, naqueles meninos sofredores, e por meio deles em todas as crianças sofredoras do mundo (qual massa de dor foi imposta às crianças du-

rante a guerra e nos trágicos anos seguintes de tormentosa paz!), pareceu-me ver esse desperdício desmedido se expandir sem freio, sem que os educadores cristãos se opusessem suficientemente, conscientes da preciosidade desse puro tesouro e da urgente necessidade de recuperá-lo avidamente, para oferecê-lo a Cristo e à Igreja.

Quão importante e urgente é, portanto, para todos aqueles que têm cuidado e responsabilidade por almas, tomar consciência desse dever e colocar em prática todas as artes da mais sutil pedagogia sobrenatural, a fim de assegurar a Cristo e à Igreja o inestimável tesouro da dor das crianças, para não privar a Paixão de Cristo e da Igreja deste indispensável e preciosíssimo complemento!

Para medir o quão grande é o "volume" desse capital, basta pensar na contribuição de dor que, em todos os tempos, as doenças, a fome, as guerras, a indigência, o abandono, a miséria e a morte exigiram das crianças. De cada calamidade dir-se-ia que a parte mais pesada está misteriosamente reservada aos inocentes.

Mas é sobretudo esta guerra, a última guerra atroz, que se abateu particularmente sobre os indefesos, que exigiu das crianças uma soma inaudita de dor e de sangue, com as deportações em massa, a destruição dos lares, as perseguições raciais, os bombardeios aéreos, as colossais transmigrações de povos, a dispersão de

tantas famílias, a orfandade, a fome, as epidemias e as mutilações.

Pobres crianças da guerra! Quem, como eu, as viu na Albânia, na Grécia, em Montenegro, na Croácia, na Polônia, na Ucrânia, na Rússia, em grupos dispersos, macilentos, errantes, enrijecidos pela fome e pela morte, jamais conseguirá apagar dos olhos e do coração aquela imagem fúnebre e perturbadora.

Mas de toda essa massa de dor inocente, tão íntima, tão pura e tão vasta, quanta parte foi para Cristo e para a humanidade? E quanta parte, ao contrário, foi perdida, porque ninguém foi devidamente cuidado para orientá-la para o seu destino natural, que é Cristo?

E assim a paixão redentora de Cristo e a vida sobrenatural da Igreja perderam, para sempre, um dos tesouros mais preciosos, destinado a assegurar à primeira a sua plenitude e ao mundo a redenção e a paz, muito mais e muito melhor do que as árduas artes da política, os colossais esforços da finança e as hábeis negociações da diplomacia humana.

Mas os homens, embora tão solícitos na valorização dos tesouros materiais e cegamente crentes na força dos poderes terrenos, não se preocupam em valorizar os tesouros espirituais escondidos nas almas dos inocentes e não acreditam o suficiente no valor determinante, ainda que incontrolável, dos agentes sobrena-

turais, para a história dos indivíduos e para a história do mundo!

Assim como muitos cristãos raramente se aproximam, ainda que com profundo pudor e reverência, dos misteriosos e infinitos panoramas do mundo invisível, no qual, no entanto, dizem crer ao cantarem na Missa: "*Creio em Deus Pai, Criador das coisas visíveis e invisíveis; creio na comunhão de todos os Santos*."

Nem esta pedagogia está reservada apenas às grandes horas da dor e aos casos mais graves de sofrimento nas crianças, de modo que deva ser aprendida e praticada apenas por médicos, freiras, religiosos ou familiares dedicados ao cuidado de crianças permanentemente doentes ou com deficiência.

Ela é uma pedagogia obrigatória para todos aqueles que cuidam de almas inocentes, pois é aplicável, com seus princípios e seus cuidados, a todas as horas, mesmo as passageiras, do sofrimento que infelizmente também não falta na vida de crianças saudáveis e felizes.

Pois uma hora de dor física ou moral, de mal-estar, de doença, de fracasso ou de choro acontece a todas as crianças, e frequentemente. O educador cristão deve, portanto, conhecer as artes delicadas e sublimes da pedagogia cristã da dor, para enriquecer a alma de seus filhos, corresponder à sua vocação de guardião e valorizador de suas possibilidades espirituais e não defraudar a Igreja e a sociedade de uma contribuição na qual Deus contou, na

economia geral do mundo.

E tampouco se deve acreditar ou dizer que as crianças estão despreparadas para compreender, viver e praticar essas delicadas verdades da economia sobrenatural, pois isso é um erro de persistente natureza iluminista.

A infância cristã é a idade que mais se aproxima daquela bem-aventurada do primeiro Adão, quando Deus descia todas as tardes para falar com o homem, de amigo para amigo, e durante a qual, segundo a revelação de Cristo, "*os seus Anjos veem sempre a face do Pai que está nos Céus*" (Mateus, XVIII, 14).

É, portanto, uma idade feliz e irrepetível de relações diretas com Deus, de "experiência" do sobrenatural, de extrema flexibilidade da natureza e de pronta generosidade do coração; idade na qual as verdades mais altas e empenhadas da comunhão dos Santos são intuídas, acreditadas e praticadas quase por instinto.

Quão significativo e comovente é ler na vida de um menino, Guido de Fontgalland, como ele "sentia" a graça de Deus (assim como as crianças sentem o Anjo da Guarda e percebem os estados de consciência).

Era no período de preparação para a Primeira Comunhão e ele havia feito uma pequena desfeita ao irmãozinho. "*O Senhor não está mais no seu coração*", havia sentenciado severamente a

mãe. Mas Guido "sentia" que isso não era verdade e, de vez em quando, interrompia a brincadeira para que a mãe, encostando o ouvido ao seu peito, sentisse se o Senhor havia voltado. "Ainda não", continuava repetindo a mãe. Na terceira vez, finalmente, Guido se impacientou e disse: "*Você não sente — disse com autoridade — mas eu sinto muito bem que Jesus voltou*." E foi brincar, finalmente tranquilo.

Trata-se certamente de "cultivar" e aperfeiçoar essa sensibilidade que, como todas as faculdades humanas naturais e sobrenaturais, precisa de educação; mas os educadores cristãos que se dedicam à sutil e profunda pedagogia da dor estão destinados a descobrir no coração das crianças um incrível potencial de fé, de amor e de sacrifício que, às vezes, pode tocar até os cumes do heroísmo.

O segredo está todo em descobrir e em suscitar essa força; porque, como dizia Michelangelo: "*Tudo está no mármore*". A arte está em saber extraí-la.

Quais são os elementos e os métodos da pedagogia da dor inocente?

Certamente não aqueles, embora largamente difundidos, que recorrem a autênticas fantasias e enganações para acalmar,

distrair ou iludir a dor das crianças, nem tampouco apenas os da pedagogia naturalista, com seus apelos à virilidade, à força de caráter — na prática, ao estoicismo.

A pedagogia cristã da dor tende antes de tudo a ensinar praticamente às crianças que a dor não deve ser guardada para si, mas é preciso transformá-la em dom para os outros, e que a dor tem um grande poder sobre o coração de Deus, do qual é necessário se valer para o bem de muitos. (E isso em obediência aos princípios mencionados acima).

Afirmando que a dor não é dada à criança como consequência de sua responsabilidade pessoal, e que o seu valor impetratório é muito grande aos olhos de Deus).

Trata-se, portanto, de uma obra de estima e de despersonalização da dor, à qual não é difícil chegar, acostumando a criança a direcionar seu sofrimento ou sua renúncia para objetivos concretos, que se apresentam todos os dias à sua sensibilidade (pela cura de uma pessoa querida, pelos missionários distantes, pela conversão do pai, por um companheiro pobre, pela obtenção de uma graça importante, pelo fim de uma guerra, pelo Papa, por um condenado, por um assassino mencionado nas notícias, etc.).

Desde que se trate sempre de motivos vivos e reais, concretos e de interesse imediato para uma criança.

Ora, o motivo mais elevado e mais nobilitante, a meta mais sublime e sublimadora à qual direcionar a dor da criança, como qualquer outra dor, é certamente Cristo Crucificado.

Quando uma criança conseguir compreender a semelhança que existe entre sua dor e a de Cristo, o valor precioso que ela pode conferir a cada sofrimento seu, por si mesma e pelos outros, inserindo-o na dor de Cristo, o dever que ela tem de imitar o comportamento e os sentimentos de Jesus nos momentos de dor, com isso ela terá tocado o centro mais profundo e mais inexplorado; o mais original e operante de todo o cristianismo, quase — diria Gratry[3] — o "ponto virginal" da doutrina de Cristo.

E quando se tem a ventura de "tocar" de maneira tão próxima a Deus, nos anos da juventude, o Seu sinal jubiloso permanecerá válido e indelével por toda a vida.

Impõe-se, portanto, ao educador uma obra sutil de *sublimação* e de *santificação* da dor inocente.

E a isso não se chega senão através do magistério arcano da Missa. É na Missa cotidiana que o rio do Sangue Divino se enriquece pela confluência da dor humana, e é no rio divino que cada gota de sofrimento humano e de pranto adquire valor sobrenatural

3 Alphonse Gratry (1805–1872), Padre católico francês, filósofo e teólogo, sacerdote da Congregação do Oratório e um dos grandes intelectuais católicos da França no século XIX, conhecido por tentar unir fé e razão, religião e ciência.

de redenção e de Graça.

Por qual outra razão a Missa é e será celebrada todos os dias na terra, até a consumação dos séculos, senão para tornar possível e atual no tempo essa mística confluência?

Com o sacrifício do Calvário, a redenção da humanidade estava definitivamente concluída e nada mais devia ou podia ser acrescentado da parte de Deus. Nenhuma necessidade, portanto, da parte de Cristo de repetir todos os dias tal sacrifício, como acontece, misticamente mas realmente, na celebração cotidiana da Missa.

Mas a exigência dessa repetição vem da parte do homem. Para atualizar, no tempo e na história de cada homem e da humanidade, o valor daquele sacrifício divino, era necessário fazer correr o majestoso rio da redenção através dos séculos e através de cada dia, para dar modo a cada ser e a cada tempo de se envolver nesse rio sagrado o pequeno regato turvo das próprias dores e o tédio cotidiano da própria existência, com o único fim de conferir-lhe, por essa feliz união, um valor sobrenatural de redenção e de Graça.

Eis por que a Missa deve ser celebrada todos os dias de todos os tempos, e eis por que se pode falar de uma verdadeira renovação e de um complemento necessário que nela se realiza do sacrifício divino; pois a humanidade tem a possibilidade, em todos

os dias de sua atribulada existência, de celebrar a própria missa de dor e de uni-la à Missa de Cristo para fazer dela a Missa "total"; a Missa não apenas de Cristo — pessoa no Calvário —, mas a Missa de Cristo — humanidade através da história.

É na Missa, portanto, que as crianças devem oferecer suas próprias dores; quando o sacerdote coloca no cálice as poucas e insípidas gotas de água fria, essas, juntamente com o vinho ardente e generoso, se tornarão Sangue redentor de Cristo.

Assim como fazem todas as manhãs os mutiladinhos de guerra, oferecendo a Deus suas próprias mutilações, para que Deus conceda a concórdia entre os homens, a paz aos companheiros mortos por ocasião de sua desgraça, a bênção àqueles que fazem o bem em nome de Deus, e para que suas mutilações "*sejam advertência para todos e estímulo a obras de paz e de bem, ocasião de perfeição espiritual para nossas almas; aumento, enfim, de glória para nossa eternidade bem-aventurada*" (*Oração dos mutilados*).

Assim como, no fundo, quis dizer um humilde soldado.

A marcha pelos montes, sob o incêndio meridiano do sol, tinha sido longa e pesada, sobretudo pela sede. No topo, o Capelão havia rapidamente montado o pequeno altar de campo e dado início à celebração da Missa. Mas, no ofertório, o ajudante olhou perdido para os companheiros. A cantil fervente não dava mais

uma gota d'água. E então saiu das fileiras um pequeno soldado e, com gesto desajeitado, ofereceu ao Celebrante sua cantil de água intacta.

À noite, aquele soldado escrevia para a mãe, ajoelhado na tenda de campanha: "*Pense que sem mim o capelão não teria podido celebrar a Missa e que a água do meu cantil tornou-se Sangue de Cristo no cálice da Missa.*"

Em 1950, os pequenos mutilados de guerra levaram ao Papa Pio XII um presente singular e simbólico. Tratava-se de uma reprodução do distintivo deles, que consistia no monograma de Cristo[4] interpretado de forma completamente nova: onde o *chi* era formado por duas muletas cruzadas e envoltas por uma coroa nobre, para indicar que o sofrimento humano, assumido por Cristo, torna-se uma só coisa com Ele, forma o Cristo místico, e somente assim pode-se receber a coroa do mérito e da recompensa.

4 O monograma de Cristo é composto por duas letras gregas sobrepostas: a xi (que se escreve como um "x" alongado) e a rô (que se escreve como um "p").

Aquele símbolo, porém, era composto por muitas continhas, cada uma das quais tinha origem em uma operação cirúrgica ou em um curativo doloroso suportado por um pequeno mutilado sem lamento e sem choro.

E quando eu contei ao Santo Padre que tinha visto crianças, no departamento de cirurgia, lutando tenazmente contra o impulso de chorar, mordendo os lábios para ter o direito de pegar uma continha e colocá-la na caixinha do Papa, Pio XII ficou subitamente pensativo, e em seu olhar tremeu uma lágrima de ternura e de gratidão!

Neste ponto, poder-se-ia perguntar se o valor sobrenatural inestimável da dor inocente não poderia, ao menos em parte, atenuar a importância e o empenho que a ciência, a arte e a caridade conjuntamente colocam na luta contra a dor e contra suas causas multiformes.

Felizmente, podemos assegurar que esse perigo, dentro de uma concepção cristã equilibrada da realidade, não existe. Ao contrário, a luta contra o sofrimento encontra no cristianismo motivos e forças de incomparável nobreza e eficácia, em comparação com

aqueles oferecidos pela solidariedade humana e pela filantropia, que já havia proclamado "divina" a vitória sobre a dor.

Na verdade, a batalha contra a dor, sobretudo nas crianças, é um complemento da geração humana e uma reparação das falhas nela introduzidas pela culpa original e pela consequente incapacidade vital humana.

Explico-me.

Pela lei de Adão, todo homem que gera, impõe involuntariamente e dolorosamente na carne dos próprios filhos a fonte amarga do sofrimento, da pena e da dor.

Combatendo, portanto, neles e vencendo a dor, restituindo a essas criaturas a alegria da infância e uma maior capacidade de vida — comprometida pelas limitações da doença, da invalidez e do sofrimento, fruto da culpa original e, às vezes, das culpas pessoais dos pais — nós reparamos assim as deficiências da primeira geração e, com esforço, reconstruímos a sua completude.

Dir-se-ia que a luta e a vitória contra a dor são uma segunda geração, não menos grandiosa e dolorosa que a primeira, e que aquele que consegue devolver a uma criança a saúde, a integridade, a serenidade da vida, não é menos pai do que aquele que, à própria vida, o chamou pela primeira vez.

Não foi isso, implicitamente e talvez inconscientemente, o

que quis dizer uma Irmã enfermeira no dia em que lhe dirigi uma doce repreensão por não recorrer ao massageador elétrico para o tratamento de uma criança com poliomielite, num dia particularmente escaldante de calor e cansaço? — "*O que quer — respondeu-me ela com candura — com a massagem manual eu tenho a impressão de fazer passar um pouco da minha vida para aquelas perninhas inertes. As máquinas são cômodas... mas são outra coisa*...".

O combate contra a dor não é, porém, somente um complemento da *geração humana*, mas é também um complemento da *redenção cristã*.

Assim como a ruína original de Adão não se deteve na ordem espiritual com a perda da graça sobrenatural, mas se propagou também à ordem material, com o cansaço, a doença, a dor e a morte, assim a redenção de Cristo não pode limitar-se à restauração da Graça divina, mas deve estender seus benefícios — na medida em que seja possível e útil para os fins da purificação e da santificação pessoal — também às mencionadas consequências materiais da culpa original, e por isso deve visar também a curar ou ao menos a atenuar a dor física e combater todas as suas causas.

Curar a dor, então, não é apenas uma obra de filantropia, mas é uma obra que pertence estritamente à redenção de Cristo,

na medida em que dela se originam os benefícios e ela estende a libertação também à esfera da matéria, e na medida em que tenta restaurar a harmonia, a ordem e o bem-estar físico de que o homem gozava antes da queda original e ao qual agora tende com todas as forças do seu ser.

O cuidado, portanto, dos doentes, as artes da medicina, a caridade para com os que sofrem, a luta contra todas as causas do sofrimento humano são uma verdadeira e contínua redenção "material", que faz parte da redenção "total" de Cristo e da qual ela recebe todo o empenho e a dignidade.

Eis por que o Salvador, embora enviado para uma missão estritamente sobrenatural, quis assim fixar os sinais inconfundíveis da sua messianidade: "*os cegos veem, os coxos andam, os surdos ouvem, os leprosos são purificados, os mortos ressuscitam e os pobres recebem a boa nova*" (*Mateus*, 11, 5), e quis incansavelmente percorrer todos os caminhos da Palestina para procurar e acolher todo tipo de doentes e sofredores, e aplicar a eles aquela "*força que saía dele e curava a todos*" (*Lucas*, 6, 19).

E eis por que, no decálogo do apóstolo, traçado para aqueles que deveriam atualizar sua redenção através dos tempos, Ele imperiosa e firmemente ordenou: "*Ide, curai os enfermos e anunciai-lhes que o Reino de Deus chegou*" (*Lucas*, 10, 9).

Quanta luz de consolação lançam essas verdades sobre o

mistério da dor, e que novos horizontes se abrem para as obras da caridade cristã!

"Mestre" — perguntaram os discípulos, ao verem o cego de nascença — "*quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?*"

"*Não foi ele que pecou, nem seus pais*" — respondeu Jesus, devolvendo-lhe milagrosamente a visão — "*mas foi para que nele se manifestassem as obras de Deus*" (*João, IX, 1*).

A dor dos inocentes, na misteriosa economia cristã, serve também para a manifestação das obras de Deus e das obras do homem: obras de ciência, de piedade, de amor e de caridade.

Na misteriosa economia do cristianismo, a dor dos inocentes é, portanto, permitida para que se tornem manifestas as obras de Deus e as dos homens:

- o amoroso e incansável trabalho da ciência;
- as múltiplas obras da solidariedade humana;
- os prodígios da caridade sobrenatural.